

Tópicos das Aulas 6, 7

Textos:

Kenedy, Eduardo. 2013. **Curso básico de linguística gerativa**. Contexto: São Paulo. Sintaxe e computações sintáticas, p. 177-208; cap. 8.

Negrão, E. V.; Scher, A.; Viotti, E. 2003. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In J. L. Fiorin (org.). **Introdução à Linguística II – Princípios de Análise**, p. 81-111. São Paulo: Contexto.

Oliveira, Márcia Santos Duarte. 2010. **Análise Sintática do Português Falado no Brasil**. Rio de Janeiro: MULTIFOCO. Vol. 1. Capítulo 5.

.....

(I) Sintagma

Ver: Kenedy (2013: cap. 8, p. 181-186); Negrão, Scher & Viotti (2003: 88-96).

- Sintagma – noção de conjunto
- Ainda que se possa encaixar vários elementos, ou ainda orações, em um dado sintagma, o sistema computacional “entende” todos os elementos como uma única “peça”.
- Há testes de identificação de constituintes que permitem a localização dos sintagmas na sequência de palavras de um enunciado qualquer.
- Os testes mais básicos de identificação sintagmática são: (i) interrogação (ou fragmentos de sentenças); (ii) pronominalização; (iii) topicalização; (iv) elipse.

(II) Iniciando Representações Arbóreas por Meio das Categorias Funcionais DP e TP e das Categorias Lexicais NP e VP

Ver: Kenedy (2013: cap. 8, p. 186-207); Oliveira (2010: cap. 5).

- As representações arbóreas são um recurso descritivo no qual se possibilita ao sintaticista descrever e identificar estruturas sintagmáticas.

- Uma diagramação arbórea é chamada de árvore (sintática), que é representada por nódulos (ramos) e por linhas (galhos).
- Veja detalhes sobre a representação arbórea e o processo de “combinar sintagmas nas árvores” em Kenedy (2013: cap. 8).
- Atente para o fato de que as árvores sintáticas são um recurso descritivo à análise sintática. No entanto, as árvores não “[...] devem ser interpretadas literalmente como o tipo de representação mental que os humanos fazem em tempo real, quando produzem ou compreendem a linguagem.” (Kenedy (2013: 195)
- Os núcleos ‘nome’, ‘verbo’, ‘adjetivo’ e ‘preposição’ têm sido apontados como categorias lexicais e projetam, respectivamente, os sintagmas: NP, VP, AP, e PP. (As categorias lexicais têm sido também referidas na literatura como “categorias sintáticas”¹).
- As categorias funcionais, sem valor no mundo biossocial, só podem ser ‘valoradas’ no próprio sistema linguístico². (Essas categorias funcionais podem também ser chamadas de “categorias gramaticais”³). Por exemplo: se se diz que, em compr-**ou**, o conjunto de morfemas representados em **—ou** totalizam, grosso modo, um conjunto de categorias funcionais que o núcleo da categoria lexical ‘comprar’ valorou em determinado núcleo funcional, pode-se atribuir, resumidamente, um nome ao núcleo desse sintagma funcional (representando o conjunto dessas categorias): “tempo”. Logo, a projeção sintagmática desse núcleo “tempo” é TP como se faz atualmente em sintaxe gerativa.
- Interessa-nos, por ora, apontar dois núcleos funcionais. O primeiro foi apontado acima: “tempo”. Esse núcleo funcional projeta o sintagma TP. O segundo núcleo funcional é “determinante”, que projeta DP. Em Teoria Sintática, um DP é a camada funcional de um NP e por tal razão, toda vez que se projeta um NP,

¹ Ver Dubois et al (1973: 102). Para Dubois et al (op. cit.), “categorias sintáticas” (lexicais) são as ‘partes dos discurso’ ou espécie de palavras.

Dubois et al. 1973. *Dicionário de Linguística*. Tradutores: Gesuína Pessoa de Barros et al. São Paulo: Editora Cultrix.

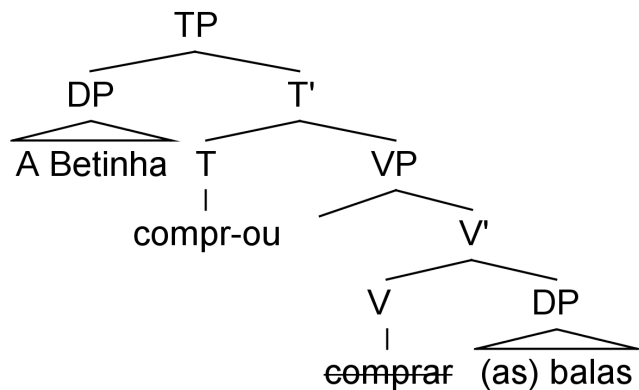
² É preciso lembrar, no entanto, que a distinção entre categorias lexicais e funcionais é clássica em Linguística e foi primeiramente formulada pelos Estruturalistas. É importante ressaltar ainda que, mesmo as categorias lexicais, ditas “com valor no mundo biossocial” são uma ‘enorme’ abstração de nossa mente e de nossa capacidade linguística, pois à palavra “menina” não se atribui um “real” ser MENINA no mundo. E, ainda, só podemos “construir” “MENINA” ‘no mundo da língua’ quando valoramos a uma palavra lexical (a um radical) “itens (palavras) funcionais”. Sem essas “combinações não há língua.

³ Ver Dubois et al (1973: 102). Para Dubois et al (op. cit.), as “categorias gramaticais” (funcionais) definem as modificações que as “categorias sintáticas” podem sofrer em termos de gênero, número, pessoa, etc.

estando o DP visível ou não em *Spell Out*⁴ – a interface do som –, esse sintagma deve ser projetado.

- Observe, portanto, a oração abaixo:

(1) **A Betinha comprou as balas**



Em (1), você pode observar a representação arbórea dos sintagmas lexicais: [NP balas], [NP Betinha] e [VP comprar]. Pode observar, ainda, as representações das duas categorias funcionais ligadas a esses sintagmas lexicais – que é o que queremos enfatizar nessas aulas – que são, respectivamente, TP e DP:

- TP é a projeção funcional ligada ao ‘verbo’: [TP comprou [VP comprar]]. No núcleo da projeção TP, o verbo *comprar* ‘cheça’ seus traços de ‘tempo’, ‘aspecto’, ‘modo’, ‘número’ e ‘pessoa’. Veja que isso foi feito em (1) quando o verbo “projeta-se” para o núcleo de TP.
- DP é a projeção funcional ligada ao ‘nome’: [DP as [NP balas]] e [DP a [NP Betinha]].
- Atente ainda para a projeção do [DP a [NP Betinha]] – o argumento externo de *comprou*. Essa é a posição de “sujeito” (voltaremos a ela mais tarde).

Por ora é preciso dizer que a representação em (1) é “simplificada”, pois o que se apresenta é uma “árvore” de uma oração transitiva. O verbo “comprar” em (1) é um verbo de dois lugares (__ comprar __), ou seja, pede dois argumentos. Em teoria da Gramática em termos atuais, um verbo transitivo não pode ser representado diretamente

⁴ *Spell Out* – “[...] é uma espécie de ‘comando’ do Sistema Computacional, o qual é responsável por enviar a representação até então construída para o processamento computacional nos sistemas de interface.” (Kenedy 2013: 224) – ver Figura 9.13. Os sistemas de interface, em GU, são: Forma Fonológica (FF) e Forma Lógica (FL).

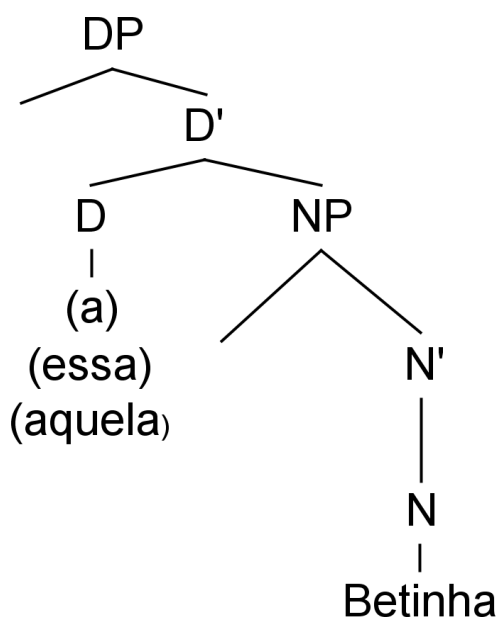
por VP (mas por vP)⁵. VP representa verbos “intransitivos” – cf. Oliveira (2010: 116-117). Mas, por ora, a árvore em (1) nos basta para os propósitos dessas aulas!

Acerca do DP, chamamos a atenção para algo significativo em nossa língua – o português. Atente, portanto, para as sentenças abaixo:

(2) [DP A [NP **Betinha**]] é uma menina muito linda

(3) A garotinha de quem te falei não é [DP **essa** [NP **Betinha**]]

(4) A garotinha de quem te falei é [DP **aquela** [NP **Betinha**]]



Logo, no DP se localizam as seguintes categorias: (i) artigos (definidos e indefinidos) – ver (2), (ii) pronomes demonstrativos adjetivos⁶ – ver (3) e ainda (iii) pronomes indefinidos adjetivos⁷ (como em *Ele viu [DP certa [NP pessoa]] entrando na Faculdade ontem!*) – ver Oliveira (2010: 172-173).

Atente, portanto, que Oliveira (2010: 172-173) discorda de Kenedy (2013: 201) de que a categoria DP aloje “[...] pronomes, numerais e demais categorias que delimitam informações acerca de um nome [...]”.

Oliveira (2010: 168-175), baseando-se em um grupo de linguistas, advoga o “sintagma nominal maximamente estendido” em que o DP é uma das projeções dessa “estensão” sendo a projeção funcional do NP, não podendo alojar todas as categorias que delimitam informações sobre o nome como afirma Kenedy (2013: 201).

⁵ Isso mesmo que você está lendo: vezinho pequeno “sintagma”. Em modelos atuais v*P.

⁶ Pronomes que acompanham o nome.

⁷ Pronomes que acompanham o nome.